

Londres : Começo de 2008

Um mês havia se passado desde que levara o PSP para a autorizada. O rapaz da loja tinha ligado e dito que o equipamento já estava concertado. Porém Tracy não estava com a mínima vontade de sair de casa. Estava fazendo muito frio ultimamente, mas decidiu que ainda naquela tarde iria ao centro.

Fazia isso todos os dias da semana, tomando coragem quando lembrava da surpresa que tinha tido. Havia gozado inúmeras vezes pensando nas duas garotas. E tinha ainda mais o fato intrigante do velho do metrô. Mas perdia totalmente a vontade quando abria a porta e recebia a rajada de vento frio.

Preferia ficar em sua confortável casa. Não era grande, dois quartos, um banheiro com uma banheira grande, uma cozinha e uma pequena sala com uma estante contendo alguns livros. Tracy morava sozinho, mas nunca tinha se sentido solitário.

Já havia contratado serviços de acompanhantes para satisfazer sua necessidade sexual. Mas isso tinha o inconveniente de ir para um hotel. Não confiava a ponto de levá-las em sua casa.

Olhou novamente na geladeira, estava com pouca coisa, nada que lhe desse vontade de comer. Olhando nas despensas também não achou muita coisa. Definitivamente tinha que sair de casa. Trocou de roupa colocando um casaco pesado que havia comprado 3 semanas atrás na Primark. Pegou a câmera digital e saiu de casa. Decidiu pensar no frio quando estivesse na metade do caminho até a estação. O que seriam bons 10 minutos.

Quando olhou no relógio já havia transcorrido 7 minutos. Ótimo, havia poupado 3 minutos do tempo habitual. Andava rápido, para chegar o mais rápido possível na estação. Mas não ousava correr, pois isso esquentaria muito seu corpo e ele teria que repousar e recuperar o fôlego no frio se o trem não viesse rápido.

13 minutos, estava quase chegando, a estação já estava a vista. Então se lembrou de pegar o Oyster. “- Será que volto para pegar?” Disse pra si mesmo. Quando começou a pensar que teria de voltar pra casa, entrar num ambiente quente e sair para a rua, passou a sentir frio. Coisa que não havia lhe ocorrido durante o trajeto.

“- Pensar no óbvio.” Era isso que o velho havia lhe ensinado. “- Concerteza acharei um passe válido no chão.” E com resolução continuou. Correndo do frio que não desgrudava dele. Não ficou procurando pelo chão para ver se via algum passe, pois havia alguns, e ficar catando papel do chão no meio daquele vento gelado não era algo que achasse conveniente. Ao invés disso apenas se abaixou, pegando um passe qualquer e o passou pela catraca, liberando a passagem. Um fiscal ficou olhando atravessado para Tracy, mas ele não reparou.

“- Haha. Funciona.” Gritou no meio da estação deserta.

“- Talvez..” Começou a dizer entrando no trem que acabara de parar. “- Talvez se eu pensar em encontrar aquelas garotas do outro dia. Eu encontre ao menos uma delas.” Escolheu um banco do vagão vazio e começou a pensar nelas.

“- Eu vou encontrar, eu vou encontrar..” Ficou repetindo a viagem toda.

* * *

“- This station is Tottenham Court Road.” Disse a voz feminina eletrônica. “- Change here for the Central Line. This is a Northern Line Train to South Wimbledon.”¹

Tracy levou um susto ao ver que as portas estavam fechando, tentou correr mas deu de cara com o vidro.

O trem começara a andar, tarde demais, havia passado duas estações do ponto que queria descer. Quando o trem parou em Leicester Square Tracy se dirigiu para a saída, ao invés de pegar a linha no sentido oposto.

“- O mundo já acabou.” Dizia um velho no meio da calçada. “- A batalha do apocalipse já terminou, somos apenas os sobreviventes do cataclisma.”

“- Tem cada um que aparece por aqui.” Disse Tracy falando sozinho sem reparar todos que passavam por ele enquanto falava e dirigiam mais olhares de desaprovação do que para o velho mendigo.

“- Olhem as guerras de hoje. É o mal fazendo o que bem entende. Pois o Senhor foi derrotado.”

As palavras do velho se perdiam no ar. Tracy as ignorava, tendo voltado a pensar nas duas garotas. Havia sonhado com elas nos últimos dias. Certamente era um sinal.

Começou a andar na Charing Cross Road. Seria uma longa caminhada. O vento frio soprava pela longa avenida. Ônibus passavam ao seu lado, vermelhos, com dois andares. Mas não teve interesse. Estava começando a gostar de andar.

Naquele dia que conhecera o velho, havia escrito um pequeno diário, sobre o que havia ocorrido. E para sua surpresa, e satisfação. Quando o releu, não conseguiu achar outra forma de reescrevê-lo. O que ele tomava por verdade não poderia ser mudado, não importava o que qualquer um dissesse, o que ele viu, foi verdadeiro.

Um sol fraco apareceu por meio das nuvens sempre presentes na capital britânica. Não aqueceu nada, a luz foi indiferente, logo desapareceu no céu nublado.

Enquanto andava olhando pra cima, vendo as nuvens negras que começavam a aparecer, acabou esbarrando numa pessoa. Tinha cabelos vermelhos vivos, apesar do porte japonês.

“- Gomenasai.”² Falou o homem sem olhar o que havia ocorrido, não se importando se teria derrubado ou não uma senhora de idade.

“-You're Wellcome.”³ Respondeu Tracy dando pouco caso ao esbarrão e continuando seu caminho.

Meia hora depois passava pelo lado do Centre Point, um dos maiores prédios londrinos, e atravessava a rua. Mais um pouco e finalmente chegaria na loja.

Enquanto caminhava pela Tottenham reparava na quantidade de lojas de computadores que havia

1 “- Esta estação é Tottenham Court Road.”

“- Troque aqui para a Central Line.”

“- Este é um trem da Northern Line com destino a South Wimbledon.”(tradução)

2 “- Desculpe.” (tradução do japonês)

3 “- De nada”. (tradução)

por ali, uma do lado da outra. As vezes duas lojas da mesma rede a poucos metros de distância.

Talvez desse uma olhada depois, afinal não tinha computador em casa desde que seu último notebook havia quebrado a tecla “tab”. Não que ele precisasse da tecla, mas o fato de ter quebrado significava que era velho, o que era igual a lixo. Como muitas pessoas, apenas o colocou perto da lata de lixo próxima a sua casa.

Na loja pagou os £ 50,00 pounds restantes. O rapaz que o atendeu o ligou na frente de Tracy demonstrando que estava em perfeito funcionamento.

“- Obrigado.” Disse ao receber o PSP de volta. Finalmente poderia voltar a jogar, mas havia perdido um pouco do seu interesse por jogos.

Começou a andar sem rumo na direção de Oxford Street. Procurando pelas garotas do mês passado. “- Ao menos uma.” Repetia sem ninguém para ouvir. Mas quando chegou na rua principal. Resolveu deixar de procurar e voltar pra casa. O vento estava cada vez mais frio e o céu ameaçava chuva.

Correu na direção da estação que não estava longe dali. Porém, antes de chegar na estação. Parou e pegou um panfleto numa cabine telefônica.

Já no trem resolveu olhar o panfleto que tinha pego.

“Mulheres inglesas e esocessas que fazem tudo.” Dizia o anúncio com uma mulher européia de cabelos negros nua, mas com estrelas tapando as áreas pornográficas. Em baixo havia o número para discar.

“Talves eu ligue essa semana.” Pensou, tendo o cuidado de não falar. Já havia pego desses panfletos antes, duas vezes de chinesa e uma de brasileira. Todas as vezes tinha tido um bom serviço. Elas realmente topavam quase tudo. Mas sempre jogava o panfleto fora depois de se satisfazer pois achava que manter aquele tipo de conteúdo em sua casa era anormal.

“- Você pega, liga, fode e joga fora.” Dizia ele. “- Se quiser mais, pegue outro panfleto. É por isso que eles distribuem isso todos os dias.”

Tracy logo adormeceu e não reparou que na estação seguinte um senhor vestindo um casaco marrom velho com botas pretas e calça jeans também velha havia entrado junto com o mendigo que gritava sobre o apocalipse em Leiceste Square.

Os dois ficaram conversando em sussuros audíveis para quem prestasse atenção a viagem toda. Desembarcando em Burnt Oak. Antes de sair do trem, o senhor de botas pretas olhou para Tracy adormecido com um grande sorriso amarelo estampado no rosto.

“- Já está na hora de acordar.” Disse assim que pisou na plataforma. Tracy acordou logo em seguida, com o trem fechando a porta e saindo. Pela segunda vez naquele dia, havia passado direto do ponto.

Edem : ---

Já fazem alguns meses que estou no paraíso. Logo no primeiro dia arranjamos mais roupas para mim e alguns móveis para o meu quarto.

Desde então tenho estado sob constante aprendizado. Logo que aprendi o básico, comecei a fazer pequenos serviços para meu tutor. Coisas como entrega de mensagens e marcar encontros com outros anjos poderosos.

Em um dado momento eu o acompanhei até a cidade de Prístina, para um encontro com a Cúpula dos Sancti, o cléro a que faço parte.

Pristina é uma cidade gigantesca. Esta contruída em volta de uma outra cidade, que tem a forma de uma gigantesca torre. Os mais variados estilos arquitetônicos podem ser encontrados em Prístina. Desde castelos fortificados a palácios esplendorosos, arquitetura greco-romana aos prédios góticos da idade média, e por fim, os mais recentes, arquitetura moderna, com altos e magníficos prédios.

Naquele dia o acompanhei até um magnífico castelo. Apesar de todo o expendor que era a construção como um todo, se fosse analisado peça por peça, o castelo não passaria de uma fortaleza simples, com coisas simples nela. São os espíritos e celestias que habitam o lugar que o tornaram tão magestoso.

Eu fiquei no salão principal e não pude ver muito, pois meu mestre tinha urgência mas não sabia em quanto tempo estaria livre para fazer outras obrigações, de forma que eu não poderia ficar explorando o castelo.

Ele estava tenso na ocasião, e no dia seguinte havia ido para terra. Me incumbiu de cuidar da casa e de praticar minhas habilidades. E reafirmou que eu não poderia entrar em seu quarto. Que a casa devia ser destruída antes que qualquer estranho chegasse nele.

Isso me deixou com muitas dúvidas, e fiquei insegura com relação a ele. Mas cumpri o que me foi ordenado.

Um mês depois ele retornou ferido. Era noite, e estava frio na Acácia, a região do Edem onde vivemos. Eu cuidei de seus ferimentos mesmo ele dizendo o tempo todo que não era necessário, mas agradeceu a ajuda de qualquer forma.

“- Chegou a hora das asas se estenderem.” Disse-me um guardião no sonho daquela noite.

“- Quando o tempo chegar vá até Prístima.” Como da primeira vez, era dois, estavam nós e se alternavam ao falar.

“- Vá até a torre.” Os dois eram loiros, pareciam gêmeos. Mas cada qual tinha olhos diferentes.

“- Um amigo inesperado lhe acolherá na Cidade das Núvens.” O primeiro de olhos azuis era calmo e tranquilo.

“- Faça como ele lhe disser.” O segundo, de olhos verdes, era resoluto e aparentava superioridade.

“- Quando o tempo chegar.” Terminaram juntos os dois guardiões.

O resto de minha noite fora tranquilo. Comecei a contar sobre o sonho para Harold, mas ele me disse que não o compartilha e não ser com quem os guardiões indicassem. Então me calei.

* * *

Eu estava cansada, voltando de Libertatis após levar uma mensagem de meu mestre a um Querubim que lá reside.

Estava vindo pelo norte de Acácia quando avistei meu jardim. Lembrei das palavras de Harold quando me disse que o bosque se chamaria Bosque do Repouso. Bem, repouso era o que estava precisando.

Já era entardecer, notei assim que pousei no jardim que o tempo havia se igualado ao do resto do Edem. Caminhei um pouco pelo jardim e entrei no bosque. Pela única trilha que havia nele, o mesmo caminho que eu tinha feito quando saí, apesar de não lembrar de tal trilha existir na época.

Fui até a fonte e tomei um gole da água restauradora. Após alguns segundos desfrutando da pureza da água resolvi seguir o córrego.

Ele adentrava no meio das árvores, o caminho era fechado, mas não difícil. O pequeno córrego não demorou para se abrir numa pequena lagoa, com mais ou menos 7 metros de diâmetro. Tirei a minha roupa e dei um mergulho. Não havia problema algum, aquele era o meu jardim, meu bosque, meu lago. Ninguém podia chegar ali sem que eu tivesse conhecimento.

Assim fiquei, boiando nua na água límpida e calma do pequeno lago. Antes da noite cair, adormeci.

Londres : Final de 2007

Estava muito frio perto da época do Natal. Sua vida havia caído em total desgraça. Tudo estava dando certo 6 meses atrás. Emprego novo e satisfatório. Tinha começado a namorar e pensava em voltar para a faculdade, pois havia parado quando saiu de casa.

Sua família tinha começado a desmoronar meses atrás.

Sua mãe havia ficado grávida, mas seu pai jurava que o filho não era dele. Então as brigas começaram. E ficou insuportável viver naquela casa. No mesmo mês que saíra, sua irmã havia trazido uma amiga para morar junto.

“Não sei como podem viver naquele clima de guerra.” Saitou ficava pensando quase o tempo todo.

Mas, assim que a nova moradora tinha terminado de se instalar, as brigas acalmaram. Passo-se o tempo, e o bebê nasceu.

Não havia como duvidar, o filho não era do pai de Saitou, pois a criança era negra. Então a briga recomeçou.

“- Sua vadia. Prostituta, Infiel.” Gritava Shinzo, o pai e Saitou.

“- A culpa é toda sua, seu corno.” Respondia a mãe. Ele teve o desprivilégio de presenciar a briga.

“- Sai já da minha casa com essa criança imunda. Fique longe dos meus filhos.”

“- Seus filhos.” Riu a mãe. “- O único que é seu está bem longe.” Ela se referia a Adam, o irmão mais velho de Saitou que estava na Hungria.

“- Sua mentirosa.” Tentava argumentar o marido.

“- Quer saber como começou?” Respondeu ela. “- Começou com aquela aposta idiota que você fez. Apostou com seu amigo sei lá o quê, e quando perdeu a aposta, eu tive de dar pra ele.”

“- Vou te dizer uma coisa.” Ela não deixava espaço para ele falar. “- Na época te disse que odiei. Mas foi muito pelo contrário. Ele me comeu de várias formas. Eu gemi muito. E quando ele disse que você queria foder a sobrinha de 12 anos dele caso ganhasse a aposta eu mandei ele tirar a camisinha fuder meu cú e gozar dentro da minha boceta. E como ele gozou.”

“- E não terminou naquele dia. Várias vezes nos encontramos. E ele sempre gozava em mim. Até que fiquei grávida e ele foi embora para a Noruega.”

“- Sabia que ele era ruivo? Apenas pintava o cabelo porque não gostava do vermelho.” Ela havia ignorado totalmente a presença de Saitou, Shizune e da amiga dela na casa.

“- Ah sim. Depois veio o Dave. Após experimentar sexo de verdade, não pude mais me contentar com você. Não usava mais camisinha quando transava. E Dave me levou a muitas casas de swing. Dei muito, para várias pessoas, até ganhei dinheiro dando. Ai aquele idiota morreu num acidente, me deixando grávida, pois eu só transava sem camisinha com ele.”

“- Então teve o fim de ano passado. Aquela festa da sua empresa onde você bebeu um monte lembra. Festa não, bacanal. Pois todos os seus amigos me comeram. Eu engoli porra de todo

mundo. E conheci aquele nego incrível. O Richard, ele é um dos seus melhores amigos não? A cabeça do pau dele é o dobro do seu pau inteiro quando duro. Tu não imagina como eu gemi de prazer quando ele meteu aquilo em mim, na buceta, na boca, eu enfiei até a garganta. E também no cú, aquele caralho grande e grosso, 28 centímetro por 6. Sendo que 6 centímetros era apenas a cabeça grande e grossa.”

No dia seguinte a briga, Shinzo havia se enforcado.

A mãe de Saitou entrou em depressão, não queria mais saber do recém nascido, e vivia perguntando sobre o Adam.

Duas semanas depois, ela mandou as duas garotas para fora de casa e se trancou. Naquela noite os vizinhos ouviram a crinaça chorar bastante na rua, e viram a casa pegar fogo. Quando encontraram o bebê, ele estava com o pênis e saco arrancados, sangrava muito. Milagrosamente a criança ainda se mechia, mas não sobreviveu aos ferimentos graves. Não foi possível salvar mulher, um investigação do corpo de bombeiros concluiu que o incêndio começou em seu corpo.

Agora Saitou estava novamente indo para o trabalho. Fazia muito frio e tinha que andar um pouco do ponto de ônibus até o restaurante.

Não percebeu quando começou a ser seguido. Estava prestes a descer a escada que dá acesso para a cozinha quando o viu.

Não identificou muito o rosto, mas a jaqueta lhe causou um grande choque. Era do mesmo modelo que o mendigo usava quando o atacou. Sem pensar em mais nada, Saitou pegou uma garrafa de vinho vazia do lixo do restaurante e partiu para cima do seu perseguidor. Não seria atacado pelas costas, iria combater de frente dessa vez.

O rapaz, loiro, não reagiu, não esperava ser atacado de forma tão brutal. Com um golpe na cabeça, ele caiu no chão e a garrafa se partiu. Para depois ser cravada no peito pelo japonês insandecido.

Assim que terminou de “esfaquear” o rapaz com os cacos da garrafa, Saitou se deu conta do que tinha feito. Viu o ar de incredulidade no rosto do jovem, milagrosamente vivo.

Viu o sangue em suas mãos, em sua blusa.

Imediatamente a retirou e a largou sobre o corpo. As mãos lavaria no restaurante, para onde saiu correndo, deixando uma pessoa agonizando a beira da morte na calçada mal iluminada.